

NOSSOS MESTRES

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Referência indígena na UnB

Na coluna deste mês, a história de Altaci Corrêa Rubim, primeira professora indígena da Universidade de Brasília

» MARIANA NIEDERAUER

Altaci Corrêa Rubim, 47 anos, é uma sobrevivente. Primeiro, venceu as estatísticas. Mulher, indígena, nascida no interior do Amazonas, a sua própria existência é uma vitória. Superou o preconceito, a pobreza, a violência e os problemas de saúde. Hoje, Santo Antônio do Içá pode se orgulhar de ter sido berço da primeira professora indígena da Universidade de Brasília (UnB).

Tudo começou num rio, chamado Içá, às margens do Solimões. A comunidade indígena Jacurapá, hoje tomada pelas águas, era o lar dos pais de Altaci. “Viviam em beira de rio, como se fala. Sempre estavam na canoa”, conta a professora. Aos 10 anos, o pai dela,

Francisco Pinto Rubim, do povo Kokama, perdeu a mãe. O avô de Altaci também já havia morrido. Foi quando um barco Salesiano que passava pela região levou o menino e os padres o obrigaram a trabalhar carregando roupa suja e água num internato em Manaus, de onde ele fugiu aos 18 anos.

“Ele aprendeu a ler e a escrever escondido”, lembra Altaci. No período em que viveu no internato, passou até fome. Ao encontrar Glorinha Corrêa da Silva, do povo Kaixana, os dois começam a vida juntos e Francisco começa a ir em busca de escola para os primogênitos. “Até que chega a uma comunidade chamada Porto Américo e descobre que tem uma escolinha em Santo Antônio do Içá, muda-se pra uma ponta do rio onde hoje é o Bairro da Independência, e lá

nascem o resto dos filhos.” Dos 15, 12 estão vivos.

“Lá, fizemos nossa roça, vivíamos como dentro do Jacurapá. Os pais colocavam seus filhos na escola, mas a gente era muito discriminado. Pela língua, pela roupa. Naquela época, o governo não dava fardamento, e a gente não tinha condições de comprar”, detalha a docente. “Muitos desistiram, e a gente só não desistiu porque meu pai não deixava. Ele nunca deixou a gente desistir da escola.”

Havia apenas uma biblioteca em Santo Antônio. Era lá que Altaci, os irmãos e outras crianças se escondiam, carregando bacias cheias de frutas que vendiam na cidade. “A gente aproveitava, ficava lá com os livros até o horário que tínhamos de sair correndo para voltar a vender as coisas.”

Foi quando o povo da professora recebeu a notícia de que a terra onde morava era do prefeito. “Ele disse que ia trazer gado e ia dar muito emprego para quem morasse lá. Para começar, ele contratou todo mundo, inclusive as crianças, para plantar capim. E todas as nossas roças viraram campo de boi”, conta. “Quando terminamos de plantar, ele chamou todo mundo, até as crianças, para carregar areia e asfaltar a cidade”, completa.

Depois, o prefeito fez o mesmo, dessa vez dando a todos a tarefa de varrer as ruas que haviam ajudado a pavimentar. Altaci sempre acompanhava a mãe nos serviços, para garantir uma renda extra. “Hoje eu sei que era gari, né? Na época eu nem sabia.”

Lutando dia a dia pelo próprio território e pela

sobrevivência, ela conseguiu terminar a educação básica e o magistério. Se mudou para perto da avó, do povo Ticuna, e foi trabalhar como professora pela primeira vez, na vila Betânia. Passou dois anos na função, até que o prefeito disse que não pagaria mais os docentes. Decidiu, então, se mudar do interior: era o momento de tentar a vida na capital. Convenceu os pais a deixá-la ir, e ainda levou junto uma irmã e quatro parentes Ticuna.

Recomeço na capital amazonense

A chegada a Manaus representou um choque. O primeiro deles foi o barulho. Em seguida, a moradia. Com o dinheiro que levaram, o que deu para alugar foi um quarto em cima de um beueiro.